

CAMONEANA

1902

B. N. L.







---

HOMENAGEM DOS POETAS

---



FESTAS DO CENTENARIO

MDLXXX—MDCCLXXX

HOMENAGEM

DOS

POETAS

*Augusto Luso, J. Simões Dias,  
Valente de Vasconcellos, Diogo de Macedo, Christ. Ayres,  
Sebastião Pereira da Cunha,  
J. Leite de Vasconcellos, Eduardo da Costa Macedo,  
J. R. Rangel de Quadros Oudinot*



PORTO

PALACIO DE CRYSTAL

EDITOR

COMPRA

332097

CAM  
1902V

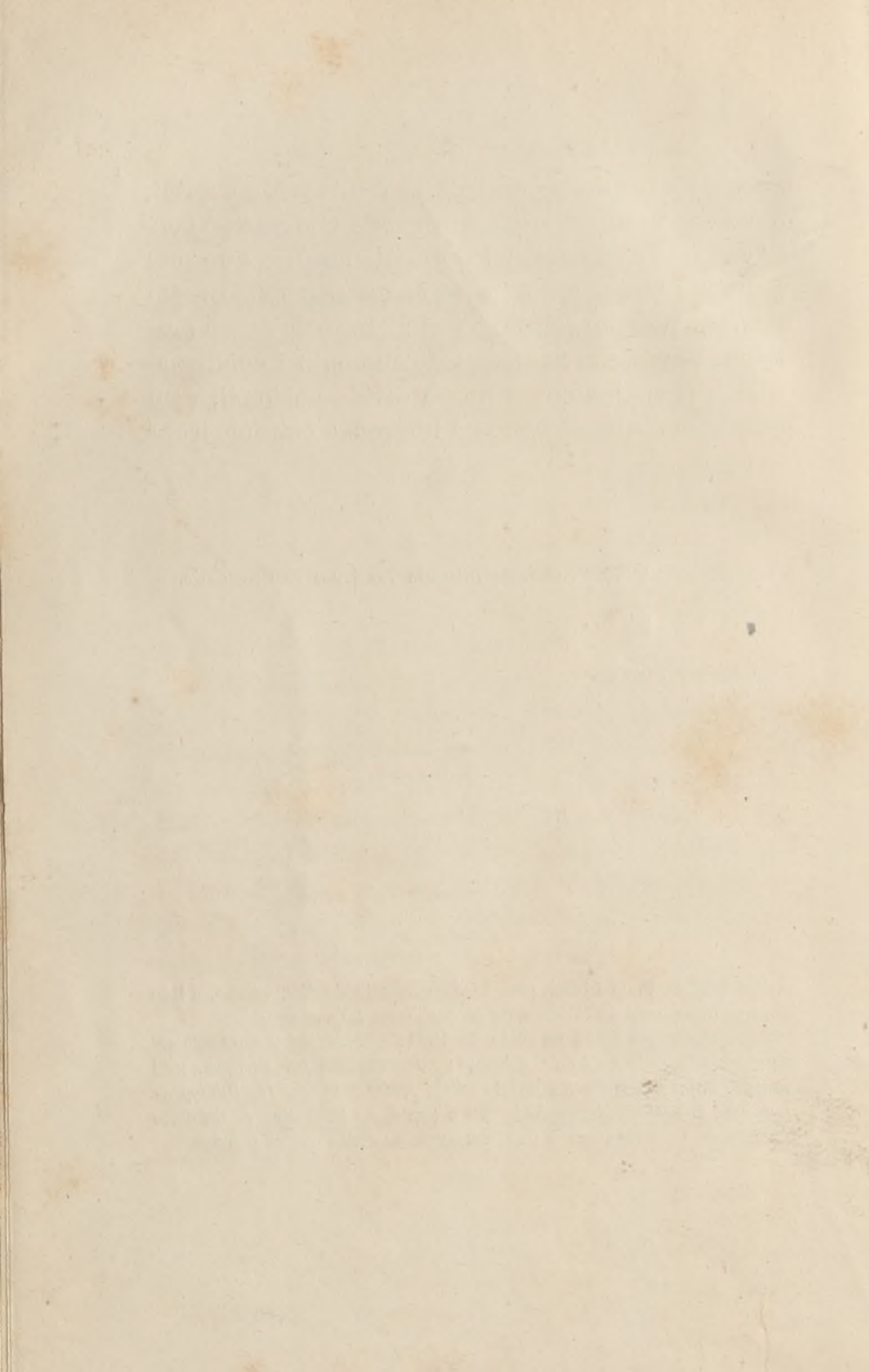
---

Porto — Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66.

web(H) 847329



Esta pequena, mas selecta collecção de poesias representa apenas uma parte das que abrilhantaram as festas litterarias dos dias 11 e 13 de junho. A lista de poetas e oradores que precede a apresentação dos dois programmas, e estes mesmo dizem claramente que a *Commissão litteraria* fez tudo quanto cabia nas suas forças para desempenhar condignamente o seu dever. Convidou a todos, e a tempo (circular de 27 de março, annexa); convidou sem distinção de escolas, sem distinção de partidos litterarios, porque diante do altissimo poeta só houve na Commissão litteraria um pensamento: o da *Concordia*. Se poucos acudiram á chamada, deve-se isso talvez ao grande numero de pedidos com



# Centenario de Camões

MDLXXX—MDCCCLXXX

*É em nome da patria, e em pró da memoria do espirito mais illustre que esta terra viu florescer, que a Commissão litteraria das festas do Centenario apella para o animo patriotico de V. Ex.<sup>a</sup>*

*Todos os tributos, ainda os mais modestos, serão bem vindos; uma simples folha de papel, uma inspiração lançada ao correr da penna, uma estrophe ou um poema inteiro, tudo será agradecido, tudo será enlaçado na corôa que a Commissão depositará no altar da festa.*

*Porto, Sala das sessões da Commissão litteraria,  
no Palacio de Crystal, 27 de Março de 1889.*

A Commissão encarregada da parte litteraria  
do programma do Centenario :

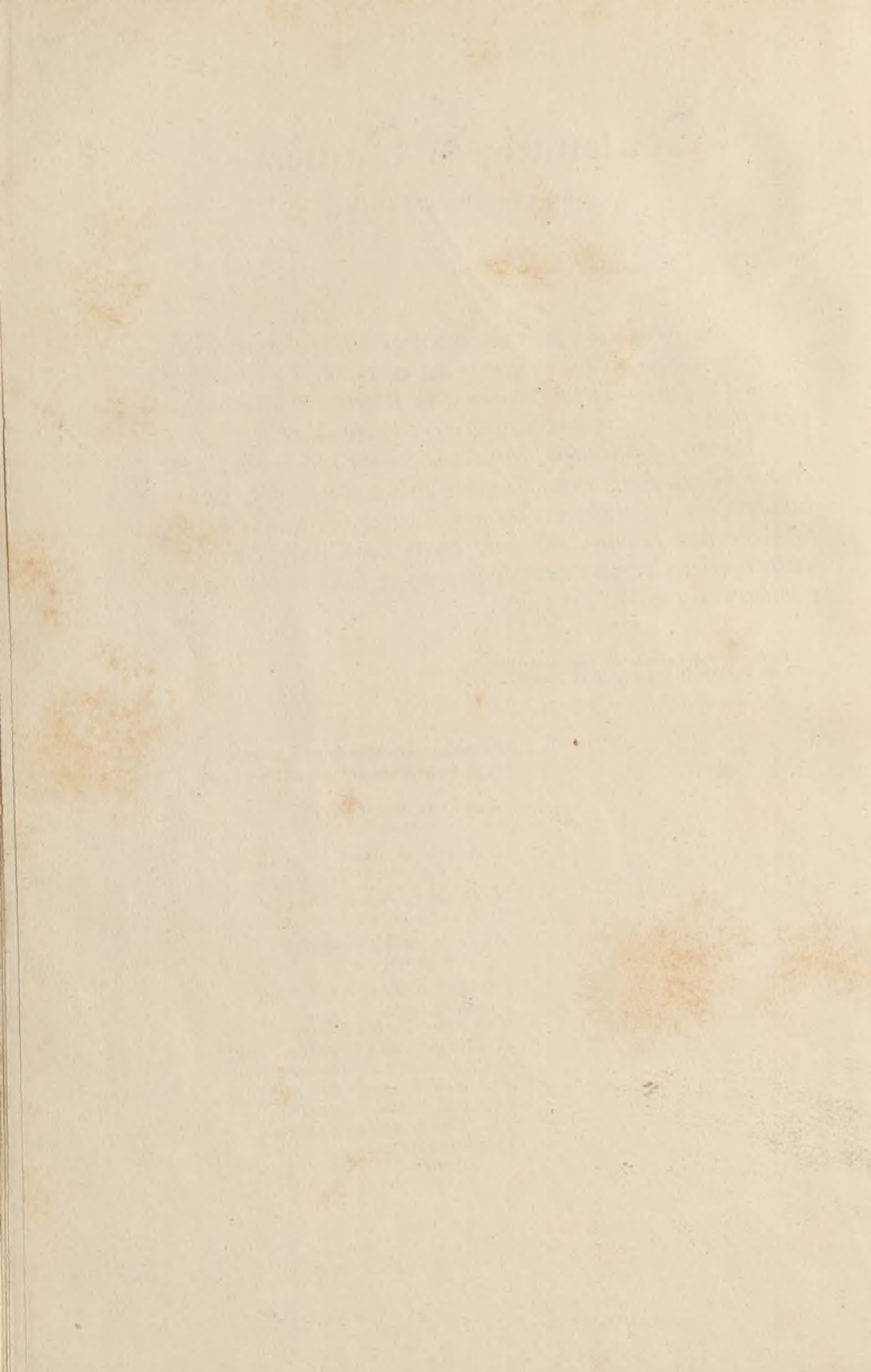
*Conde de Samodães,*  
Presidente.

*Eduardo A. Allen,*  
Vice-presidente.

*J. P. da Cunha e Silva,*  
1.<sup>o</sup> Secretario.

*Joaquim de Vasconcellos,*  
2.<sup>o</sup> Secretario.

*Antonio Moreira Cabral,  
Augusto Luso,  
Dr. João Vieira Pinto,  
J. Teixeira de Macedo,  
J. P. d'Oliveira Martins,  
J. J. Rodrigues de Freitas,  
Luiz A. Pinto d'Aguiar,  
Dr. Pedro Augusto Dias,  
Tito de Noronha,  
Vogaes.*



Parte do Programma a que V. Ex.<sup>a</sup> é convidado a concorrer:

## SARAU LITTERARIO

---

SEGUNDA PARTE: = RECITAÇÃO POETICA

---

### CONDIÇÕES

a) O auctor poderá recitar composições proprias ou alheias, de escriptores vivos ou mortos.

Preferem-se as proprias e ineditas.

b) O auctor poderá incumbir a recitação da sua composição a pessoa idonea, quando não possa comparecer pessoalmente.

*N. B. A Comissão sollicita o obsequio de uma resposta até ao dia 20 de abril.*



# LISTA DOS POETAS PORTUGUEZES

CONVIDADOS

PELA

## COMMISSÃO LITTERARIA

\* Este signal indica os que corresponderam ao convite.

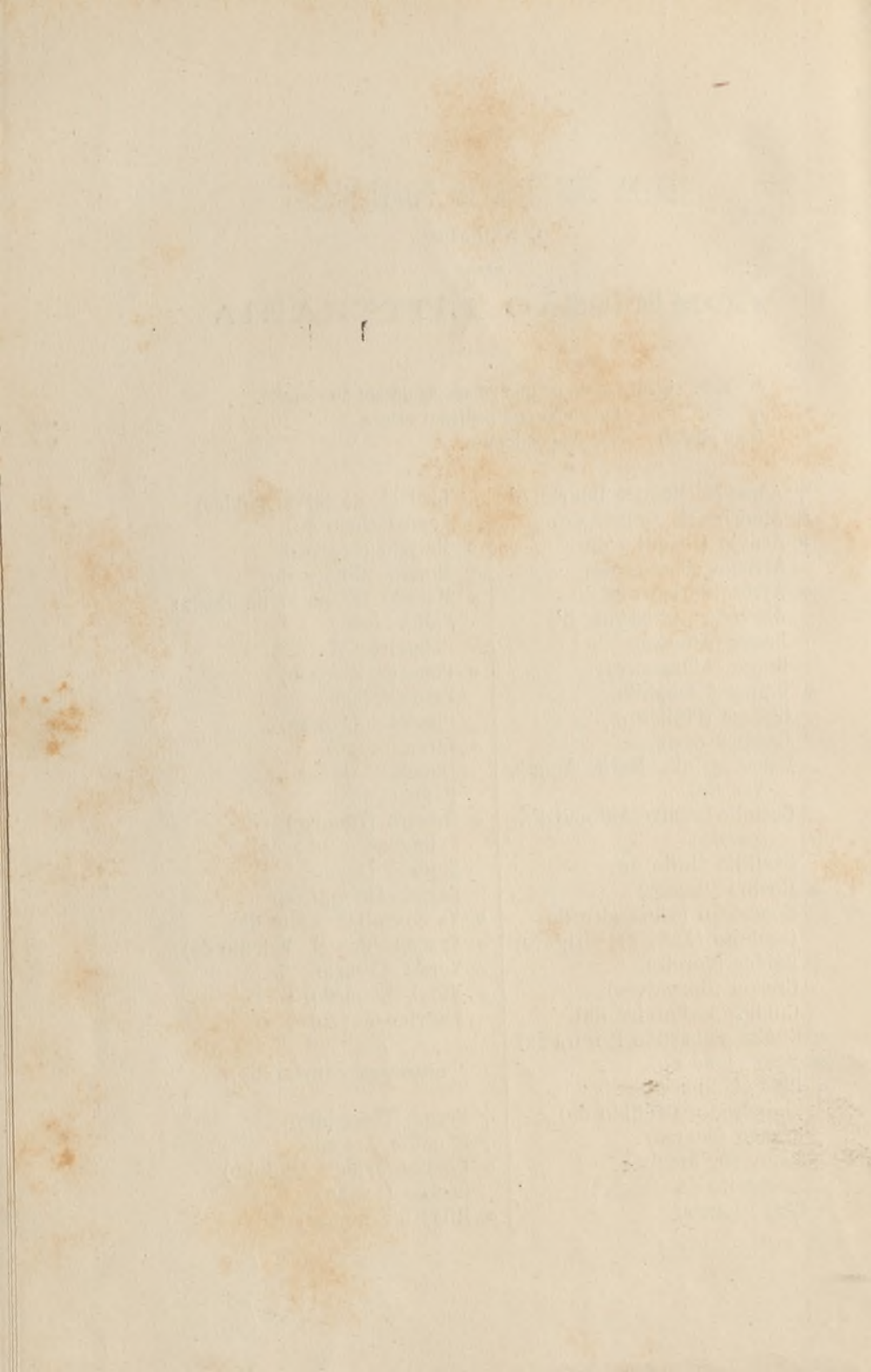
† " " indica os que pediram escusa.

(sem signal) Não responderam.

† Almeida (Manoel Duarte d')	Leal (J. da Silva Mendes)
* Amorim (F. Gomes de)	Lemos (João de)
* Araujo (Joaquim de)	* Macedo (Diogo de)
Arriaga (Manuel de)	† Moraes (Gomes de)
* Ayres (Christovão)	* Macedo (Eduardo da Costa)
Azevedo (Guilherme d')	Palha (João)
Braga (Alberto)	Palmeirim (L. A.)
Braga (Alexandre)	* Papança (Macedo)
* Braga (Theophilo)	Pato (Bulhão)
Chagas (Pinheiro)	Pimentel (Alberto)
Campos (Luiz de)	* Pires (Diogo)
Carvalho (D. Maria Amalia Vaz de)	Quental (Anthero do)
Castello Branco (Antonio d'Azevedo)	Ramos (Silva)
Castilho (Julio de)	* Ribeiro (Thomaz)
* Coelho (Ramos)	Sabugosa (conde de)
Conceição (Alexandre da)	Seguier (Jayme)
Cordeiro (Xavier Rodrigues)	Serpa (Antonio de)
† Caldas (Pereira)	* Vasconcellos (Leite de)
Crespo (Gonçalves)	* Vasconcellos (J. Valente de)
Cunha (A. Pereira da)	Verde (Cesario)
* Cunha (Sebastião Pereira da)	* Vidal (Eduardo)
* Deus (João de)	Viterbo (Souza)
* Dias (J. Simões)	
Figueiredo (Candido de)	
Franco (Soares)	
Janny (D. Amelia)	
Junqueiro (A. Guerra)	
Leal (Gomes)	

### ORADORES CONVIDADOS:

- † Braga (Theophilo)
- † Candido Antonio
- \* Coelho (Franc. Adolpho)
- Coelho (Latino)
- \* Ribeiro (Thomaz)





# CENTENARIO DE CAMÕES

MDLXXX—MDCCLXXX

11 DE JUNHO

(A's 8 e meia da noute. Na Nave Central)

## SARAU LITTERARIO

### PARTE PRIMEIRA

- Symphonia* . . . . . *Hypólito Ribas.*  
*Discurso do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro Thomaz Ribeiro, Ministro de Estado Honorario, Socio effectivo da Academia Real das Sciencias, etc.*  
*Poesia recitada pelo autor* . . . . . *Augusto Luso.*  
*Poesia recitada pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Pedro Rocha* . . . . . *J. Ramos Coelho.*  
*Poesia em inglez recitada pelo autor* . . . . . *Charles Sellers.*  
*Poesia recitada pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Thomaz Ribeiro* . . . . . *Gomes d'Amorim.*

### PARTE SEGUNDA

- Mosaico da opera Eurico* . . . . . *Miguel Angelo.*  
*Conferencia do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Francisco Adolpho Coelho, <sup>1</sup> Professor da Cadeira de linguas romanicas no Curso Superior de Lettras, etc.*  
*Poesia recitada pelo autor* . . . . . *Leite de Vasconcellos.*  
*Surrexit, poesia recitada pelo autor* . . . . . *Thomaz Ribeiro.*  
*Poesia recitada pelo autor* . . . . . *Ed. da Costa Macedo.*  
*Poesia recitada pelo autor* . . . . . *Alvaro de Paiva.*  
*Poesia recitada pelo autor* . . . . . *Abilio Maya.*

N. B. — Outras poesias de diferentes autores serão recitadas por alguns d'estes cavalheiros, em obsequio á Commissão Litteraria (foram publicadas. Nota posterior).

<sup>1</sup> Por incommodo do autor ficou adiado para o dia 13. V. Programma. O autor reservou-se o direito de publicação.



# CENTENARIO DE CAMÕES

MDLXXX—MDCCLXXX

DOMINGO 13 DE JUNHO

(Ao meio dia. Na Nave Central)

A Comissão litteraria das festas desejando, conforme a declaração do seu Digno Presidente o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães, na noute de sexta-feira, apresentar o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Francisco Adolpho Coelho, illustre Professor do Curso superior de Letras ao publico, protector das festas do Centenario, e associando-se o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro Thomaz Ribeiro a este desejo, com o maior jubilo — resolveu realizar uma segunda

## SESSÃO LITTERARIA

em que tomam parte, novamente, os membros da Commissão.

*Conferencia* do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Francisco Adolpho Coelho.

1. *Poesia* lida pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Thomaz Ribeiro <sup>1</sup> . . . . . *Simões Dias.*
2. *Poesia* lida pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Augusto Luso . . . . . *Diogo de Macedo.*
3. *Soneto* . . . . . *Christovão Ayres.*
4. *Soneto* . . . . . *S. Pereira da Cunha.*
5. *Soneto* . . . . . *Joaquim d'Araujo.*
6. *Poesia* . . . . . *Theophilo Braga.*

Os numeros 3-6 serão lidos por diferentes membros da Commissão litteraria.

<sup>1</sup> Foi recitada pelo Presidente da Commissão litteraria, o Snr. Conde de Samodães, por não ter o Snr. T. Ribeiro (ausente do Porto) podido assistir á sessão.



# CENTENARIO DE CAMÕES

MDLXXX—MDCCLXXX

---

Mensagem da Comissão litteraria das festas do Centenario no Porto á imprensa de Lisboa, apresentada á Comissão executiva na sessão de 29 de Maio.

A *Comissão litteraria* das festas do centenario no Porto, recebeu com o maior jubilo a noticia da installação da grande commissão da imprensa de Lisboa.

Ella acompanhou e acompanha os benemeritos trabalhos, que se fazem na capital do reino, com os seus mais ardentos votos para uma realisacão condigna.

A imprensa de Lisboa levantou ideas que são grandes em si, e maiores ainda pela alliança e concordia que ellas estabelecerão de novo entre as classes, e especialmente entre a litteraria, fortalecendo assim no paiz a fé na dignidade das letras, a fé nas convicções e a fé nas virtudes civicas, que são o futuro da patria.

Honra seja á imprensa de Lisboa.

Honra seja a todas as classes que comprehenderam que n'ella estava a alliança, a força que convence pela virtude das idéas — a concordia n'uma palavra. Á sombra da liberdade, a apothese d'aquelle que morreu para não ver a patria feita escrava....

A intimação não podia ser mais imperiosa, nem a resposta do paiz mais eloquente!

O nosso parabem, senhores, recebel-o-heis depóis de muitos, porque preferimos mandar adiante os factos — e esses factos seria ocioso repetil-os; são do dominio de todos, transpuzeram ha mezes as fronteiras <sup>1</sup>, porque onde não chegou a nossa humilde voz penetrou, ao menos, a letra, — a nossa profissão de fé n'esta questão do centenario.

---

1 Allude-se á nossa circular de 27 de Março; á nacional de 29 e ás duas internacionaes da mesma data (*V. Catalogo da Exposição Camoniana*).

D'essa fé damos agora novo documento.

A *Commissão litteraria*, tendo cumprido o seu dever perante a *Grande commissão portuense* das festas do centenário, nomeada a 4 de março, creou de sua propria iniciativa a *Sociedade Nacional Camoniana* que está constituida desde o dia 10 de abril e já legalmente approvada.

O *Estatuto* que hoje recebeis fallará por ella e por nós, e justificará o pedido, que fazemos, de um logar no cortejo triumphal no dia 10 de junho, assim como nas demais festas cuja direcção vos seja confiada.

A commissão litteraria pela sua parte já decidiu reservar a qualquer membro da imprensa de Lisboa, logar especial nas solemnidades, cuja organização a grande commissão portuense lhe confiou, não fallando no logar de honra que aos representantes da imprensa de Lisboa está destinado na sessão solemne de abertura da *Sociedade Nacional Camoniana*, no dia 10 de junho.

A *Commissão litteraria* das festas do centenário, iniciadora da sociedade, espera pois que a grande commissão da imprensa de Lisboa se dignará nomear os delegados especiaes que a devem representar officialmente nas festas litterarias da commissão e da *Sociedade Nacional Camoniana*, e que fará á commissão ainda a honra de dar a esta mensagem ampla publicidade. <sup>1</sup>

A commissão litteraria iniciadora da Sociedade Nacional Camoniana.

Porto, 27 de maio de 1880.

*Conde de Samodães,*  
Presidente.

*Eduardo Augusto Allen,*  
Vice-presidente.

*José Pereira da Cunha e Silva,*  
Secretario.

*Joaquim de Vasconcellos,*  
Vice-secretario.

*Augusto Luso da Silva,*  
*Antonio Moreira Cabral,*  
*Joaquim Teixeira de Macedo,*  
*J. P. d'Oliveira Martins,*  
*Luiz Antonio Pinto de Aguiar,*  
*João Vieira Pinto,*  
*Pedro Augusto Dias,*  
*Tito de Noronha,*  
*J. J. Rodrigues de Freitas.*

---

<sup>1</sup> A mensagem ia em manuscrito, e com todas as assignaturas autographas sobre uma grande folha de pergaminho; com laços de setim das côres nacionaes.

# CAMÕES!

---

## I

Por sobre as cinzas do Cantor sublime  
Tres seculos lá vão! Tres gerações!!  
E, volvendo-se os annos, mais se imprime  
O nome e a fama do immortal Camões!

Alma esplendida! Espirito fecundo!  
O grande, ingente, o vasto Genio teu  
Trasborda já!.. E' lhe pequeno o mundo!..  
Por isso, agora lá, ó Vate meu,  
Canta entre os Anjos, e encherás o Ceu.

## II

O' Patria de Camões!.. ó Patria minha!..  
E chamam-te inda alguns nação pequena!?..  
Tu, que foste dos mares a rainha,  
E mãe de vultos de primeira scena!

Tu, que em perigos te mostraste forte!  
Que pondo os pés no sul chegaste ao norte!  
E, abrindo os braços, cá desde o occidente  
Com a dextra tocaste no oriente!

Diga-o o Japão, o Cabo Tormentoso,  
A costa da Guiné, Ormuz, Malaca;  
Timor, e tu, Brazil; e o aventureiro  
Fernando Magalhães, que altivo atraca  
Onde a terra findára!!  
*E, se mais mundo houvera, lá chegára.*

Falle Henrique, e Albuquerque, o forte Castro!  
Fallai heroes! Não emmudeças, Gama!  
Quem vos fez resurgir?! Qual foi esse astro,  
Que vos deu luz, e vida, e nome, e fama?!  
*Aquelle, cuja lyra sonora*  
Sempre afamada foi, mas... desditosa.

Que á Patria deu, que as cinzas mal lhe encerra,  
O sangue e o amor; e o Genio a toda a terra!  
Que sentir soube o amor, toda a ternura  
Da linda Ignez, cantando a desventura.  
Que, para o Tejo, as Tagides creára,  
Que em seus largos crystais se estão revendo;  
E, para o mundo, de estranheza rara,  
O féro Adamastor, gigante horrendo!  
Que foi tão portuguez!.. Tão meu!.. Tão nosso;  
Que o mar afronta, e o nautico destroço,



Por salvar precioso monumento  
De glorias e de acções; valor, riquezas  
Que nos lega num NOVO TESTAMENTO,  
EVANGELHO das lettras portuguezas!

### III

Porém, desculpa, ó Genio; inquietar-te agora  
A paz não quero, não, gosada além do tumulo.  
Lembrar-te a Patria tua, e desgostos d'outr'ora,  
Seria crueldade, e de injustiça o cumulo.

Se inda memoria tem, se inda pensa e cogita,  
A força, que animára esse teu braço intrepido,  
Entre gente crestada, aonde o sol crepita,  
Longe do sol da Patria, ameno, doce, e tepido;

Que, irradiando luz de intelligencia pura,  
Do talento te accende a chamma forte e vivida;  
Que não pôde apagar a negra desventura,  
A falta dô teu Jau, nem a pobreza livida;

Que a penna te guiou com que voaste á gloria;  
Pelo presente olvide a falta do preterito.  
Pertencem aos heroes as paginas da historia:  
Se os homens são mortais, morrer não pôde o merito.

Perdeste o teu Amor, tudo o que te era caro,  
Viste a vida fugir, tornar-se o corpo flacido,..  
Sem amigos, ó Job, tão pobre, ao desamparo,  
Dos labios soltas — PATRIA — e logo expiras placido.

Permitte-me, Poeta, a voz ousada  
Neste dia solemne, junto aos mais.  
Nem só a fertil chuva ao campo agrada,  
Não desprezam o orvalho os cereais.

Se immortal és nos Ceus, o engenho e arte  
Entre os homens te fez sêr immortal.  
E's nos Ceus, e na terra, em toda a parte!  
Mas foi teu Berço o meu, foi Portugal.

*A. Luso.*

## N'UMA FOLHA DOS LUSIADAS

Se um dia o «velho enfermo do occidente»  
Quizer saber se inda está vivo ou não,  
Pouse sobre este livro a mão tremente  
E sentirá bater um coração!

*J. Simões Dias.*



## SONETO

---

N'este illustre sarau d'um personagem  
Estranhavel se torna a ausencia dura;  
D'um personagem, sim, cuja figura  
Da honra e erudição seria a imagem!

E' soldado, soldado de coragem,  
Epico vate d'assombrosa altura;  
E' esse heroe, que á patria inda segura  
Os brios, na mais classica linguagem!

Pensava achal-o aqui, porque inda existe;  
E apesar de centenas tres d'idade,  
Contra as fauces dos seculos resiste!

Mais cheio cada vez de mocidade,  
Eis o amavel Camões!.. Não falta... assiste...  
Tão rijo como a rija eternidade!

*Valente de Vasconcellos.*



## CAMÕES

---

Foi dos mestres o mestre grandioso  
que mais honrou a lingua portugueza,  
o meigo trovador melodioso  
que soube com mais arte e gentileza  
cantar do amor as illusões e o goso,  
o novo Homero, a quem a natureza  
consagrando affeição de mão dilecta,  
fez dos poetas o maior poeta.

Sendo sempre das musas protegido,  
celebra a sua patria muito amada  
em verso nunca d'antes conhecido;  
guerreiro de alma heroica e sublimada,  
com peito forte e braço destemido  
maneja bem a lamina da espada.  
Tem dos heroes a olympica bravura  
e tem dos proprios deoses a estatura.

Eu sinto as mais estranhas alegrias  
trinando o rouxinol os seus gorgeios,  
mas ao ler de Camões as elegias  
inundam outros gosos os meus seios.  
De Camões as sonoras harmonias,  
os versos de ouro, os grandes devaneios  
consolam como aromas de boninas,  
encantam que nem musicas divinas.

São thesouros de ricos pensamentos  
as formosas canções que desferia  
da lyra sonora nos momentos  
em que mais a saudade o perseguia;  
as endechas dos crebros desalentos  
são perolas de amor e de poesia;  
o seu poema emfim... o seu poema  
tem mais valor que as joias de um diadema.

De laminas de bronze foi Vulcano  
que forjou cada verso que assignala  
do illustre Gama o esforço sobrehumano.  
A tuba grandiosa que nos falla  
das façanhas do povo lusitano,  
tem fulgores de auroras como a opala,  
é doce como a voz da philomela  
e ruge ás vezes mais do que a procella.

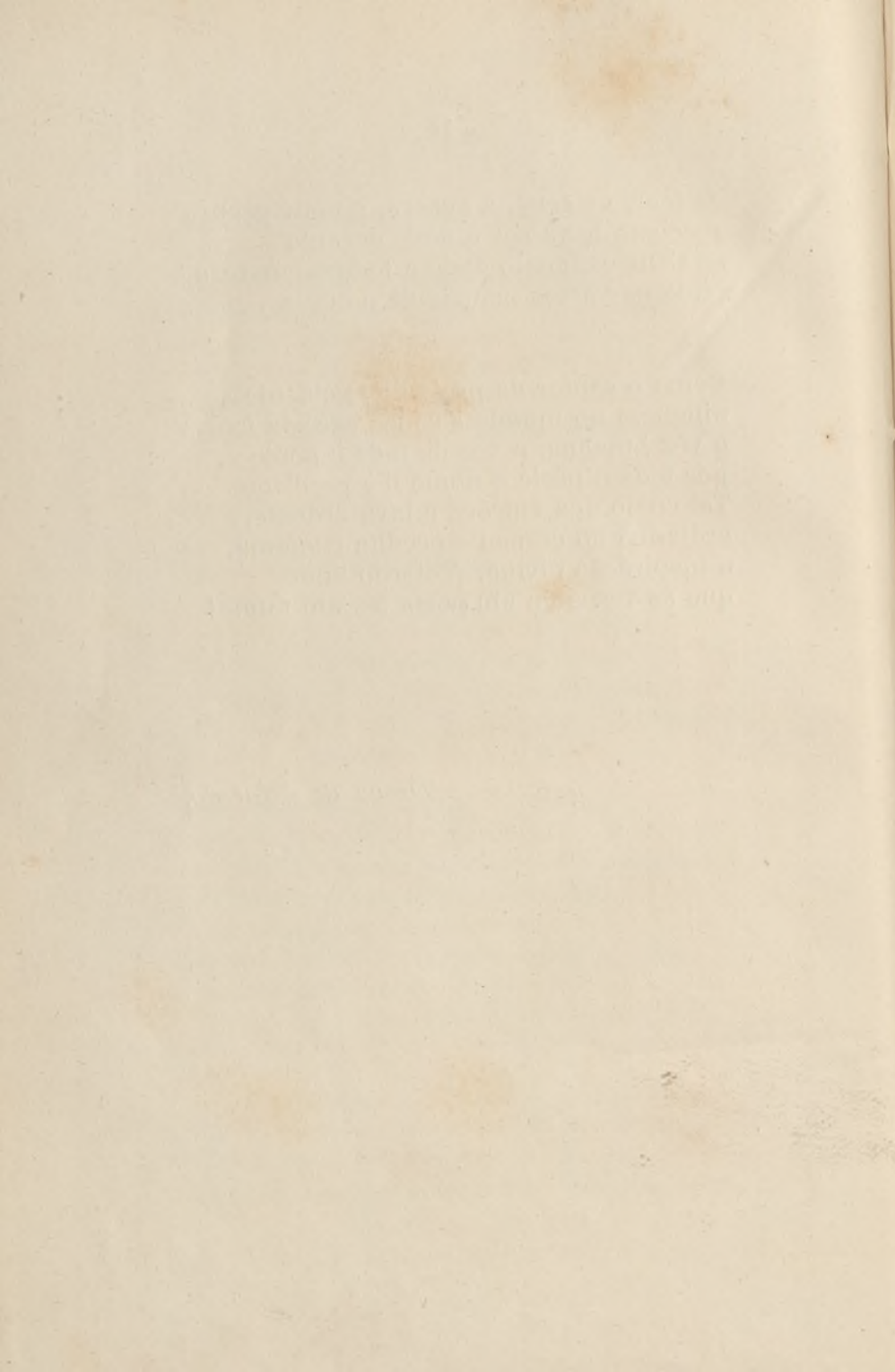
Da linda Ignez chorando a morte dura,  
os nossos olhos enchem-se de pranto.  
Do Adamastor a esqualida figura  
ao mundo causa horror e causa espanto.



O mar, os ceus, a aurora, a noite escura  
recebem nova cor e novo encanto  
se Camões, genio dado a toda a empreza,  
pinta os vastos paineis da natureza.

Como o cantor da praia do Occidente  
ninguem no mundo alcança egregia fama:  
a voz humana, a voz de toda a gente  
por toda a parte o nome lhe proclama.  
Tal como dos vulcões a lava ardente,  
ardia-lhe no craneo a occulta chamma,  
a inspiração divina, o eterno lume  
que ás vezes de um poeta faz um nume!

*Diogo de Macedo.*



## O IDIOTA

---

Olha a todos e a tudo que alli passa  
com fixo olhar o pobre do idiota,  
da bocca os finos labios lhe arregaça  
cada sorriso estúpido que brota.

Uns téem compaixão dessa desgraça;  
outros soltam-lhe as vaias da chacota,  
e atiram-lhe pedradas á vidraça,  
entre apupos e esgares da risota.

Mas eu que passo e noto na ventura  
d'aquella alma simples de poeta,  
que se espaneja ao sol, alegre, ufana,

observo com tristeza que a loucura  
é a felicidade mais completa  
a que póde aspirar a alma humana!

1876.

*Christovam Ayres.*



## A ESTATUA DO POETA

---

A praça é o orbe inteiro; o pedestal da estatua  
Um feixe collossal de lyras e festões;  
Tem por cimento a gloria; a altura é de tres seculos;  
No cimo um livro aberto, e o vulto de Camões.

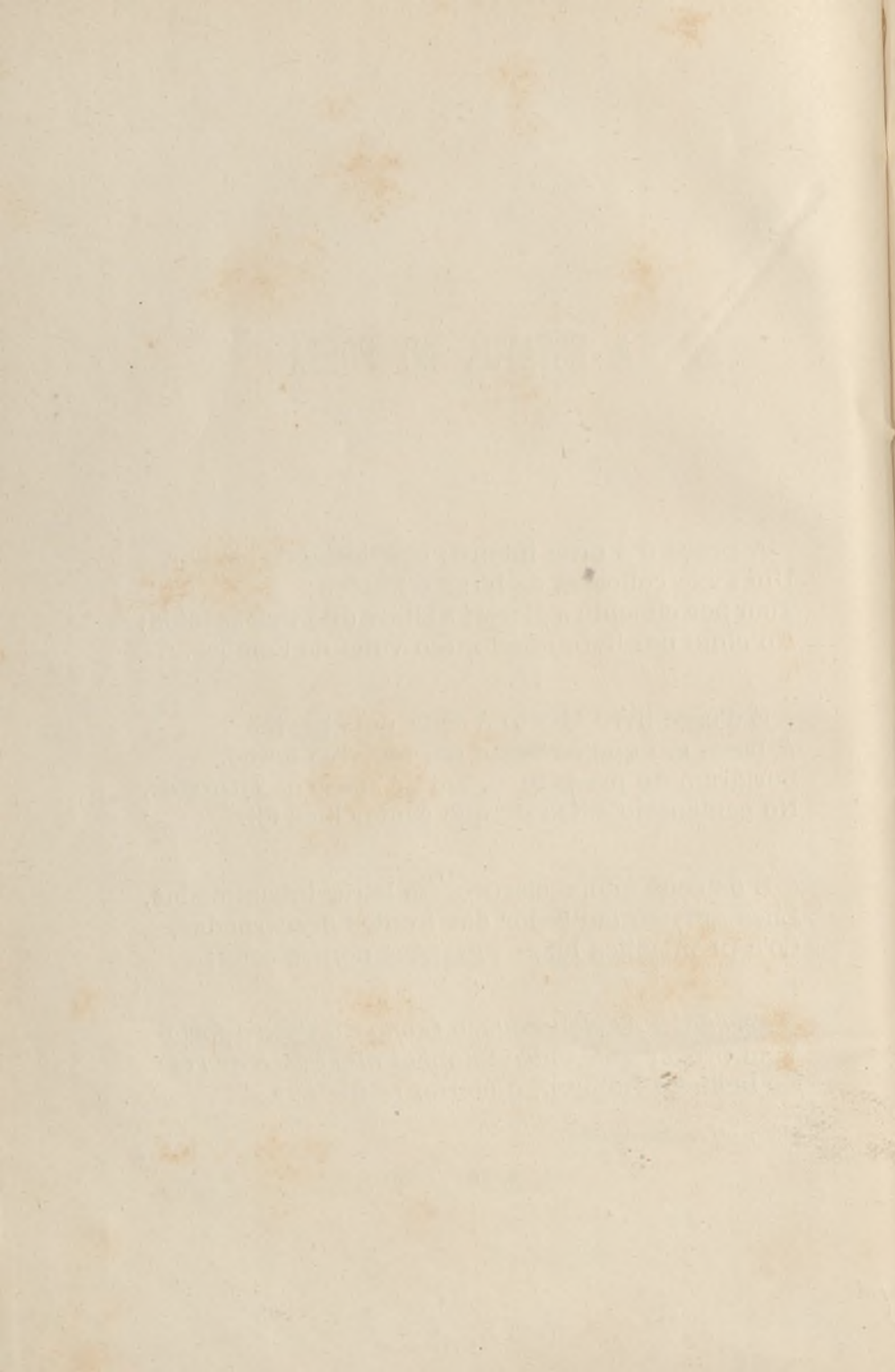
E d'esse livro aberto é cada uma pagina  
A base, em que se firma um redivívo heroe.  
Surgiram do passado, e, em pé sobre os *Lusiadas*,  
No centenario estão do que cantor lhes foi.

E os seus fátuos clarões, em letras inflammadas,  
Lhes gravam em redor das fronte descarnadas,  
Co'a phantastica luz, os grandes nomes seus;

*Terribil o Albuquerque, o Gama e o Castro forte*  
Vem provar que *poder* tambem não teve a morte  
No lusitano Homero, o eterno semi-deus.

Lisboa, 17 de Maio de 1880.

*Sebastião Pereira da Cunha.*



## NO DIA DE CAMÕES

---

Ninguem póde apagar a lampada da vida,  
Nem extinguir tambem jamais o movimento.  
Por isso anda a correr, em marcha indefinida,  
Ha seculos sem fim, o nosso pensamento.

E nas sombras, na luz, nos astros, nas montanhas,  
Em toda essa miseria, em toda essa grandeza,  
O homem compulsa e lê, das fórmulas mais estranhas,  
O poema vasto, ideal de toda a Naturèza.

Passa um leão: elle ergue ao monstro um santuario.  
Passa um verme: elle esmaga a lagrima da terra.  
Aqui o céo é como um lugubre sudario;  
Alli viceja o mal; alem rebenta a guerra.

O homem vem abatido, incerto da jornada.  
Se pára por acaso em seu caminho escuro,  
E' só para enxugar a fronte ensanguentada  
Ou procurar na sombra uns traços do Futuro.

Mas ás vezes ao pé dos muros vis, abertos,  
Nasce uma flôr que traz aromas e matizes:  
Cresce e povôa emfim os aridos desertos.  
Tem no espaço a corolla e no abysmo as raizes.

E' essa flôr viril de eterna rescendencia  
Quem alaga de luz os nossos corações;  
E' essa flôr ideal, chamada Consciencia,  
Quem faz resuscitar o nome de Camões.

*J. Leite de Vasconcellos.*



# CAMÕES

## I

Naquella alma pura e rutilante  
Guiada pelos ventos do destino  
Havia um sonho lucido, divino  
Com um echo d'amor, — harpa distante.

Já ouvia cantar ao longe o hymno  
Sagrado do futuro; o triumphante  
Chamava á sua patria — a sua amante,  
Lendo o Céu como um livro sibyllino.

Entra no Paço e a nova luz o banha  
D'uns olhos fulgurantes, luz estranha  
Que lhe torna felizes os seus dias.

Não ha ainda no azul um traço escuro:  
Como é bello sonhar... vêr o futuro  
Banhado de clarões e d'harmonias!

II

Elle sauda o Sol — astro bemdito  
No meio d'essa lucida grandeza  
Que rege do seu throno a Natureza,  
Tendo o poder em toda a parte escripto.

E sobre o mar, sonhando nova empreza,  
Se a saudade lhe leva o peito afflicto,  
Acompanha-o das ondas fundo grito  
E a Lua no seu manto de tristeza.

Voltam-lhe então dulcissimas visões;  
Começa a inflammar-se a alma de Camões  
Inspirada no poema universal.

Eis por fim em seu livro a nossa gloria:  
Já que o deixou morrer entregue á Historia,  
Erga-o e celebre-o hoje Portugal.

*Eduardo da Costa Macedo.*

## AO POETA

---

Camões, famoso epico,  
Grande quam desditoso,  
Teu nome glorioso,  
Vive nos corações.  
Foi-te cruel martyrio  
A vida amargurada,  
Grande empunhando a espada  
E grande nas canções.

Só para os infortunios  
Parece, que nascestê  
Sempre, sempre vidente  
Soffrendo amarga dôr.  
Ingrata foi-te a patria  
Que engrandecer buscavas,  
A' qual tu dedicavas  
O mais intenso amor.

E' para os grandes genios  
Do soffrimento a sorte,  
Soffrer até á morte  
Sem nunca allivio ter;  
Como Colombo intrepido,  
Como Albuquerque ingente  
E o Castro tão valente  
A patria a defender.

Com que fervor Nathercia  
Fôra por ti amada?  
Como fôra cantada,  
Por ti, grande Camões!  
Talvez teus nobres canticos,  
N'um seu olhar bebesses,  
Talvez que lhe devesse  
Tantas inspirações.

Os invejosos aulicos  
Querem-te desterrado,  
Pudeste resignado  
O exilio atroz soffrer!  
Mas o teu genio altiloquo,  
Tão nobre e tão bondoso,  
Padrão tão glorioso  
Lá soube á patria erguer.

Ergueste-o. Inda os *Lusíadas*  
Attestam nossas glorias,  
Fallam d'essas victorias  
Do nosso Portugal.

— Tinhas talento homérico;  
Tu espantaste o mundo  
Com teu saber profundo,  
Nos cantos immortal.

A's vezes meu espirito  
Eu sinto transportado  
Ao ler o celebrado,  
Famoso livro teu.  
Como pergunto em extasis:  
Genio de tal grandeza  
Coubéra na estreiteza  
Da terra em que nasceu?

Longe do ninho patrio  
Vejo-te lacrimoso  
Sempre, sempre saudoso  
Na gruta de Macau.  
Depois, em terra inhospita,  
Só tens para a saudade  
Allivio na amisade  
Do carinhoso Jau.

Voltando um dia á patria  
Que ingrata te expulsára,  
Ninguem te consolára  
Na tua extrema dôr.  
E n'um albergue misero  
Choras por longos dias,  
Morta a mulher que havias  
Amado com fervor;

E só no seio intimo  
Do Jau achaste abrigo,  
Menos que escravo, amigo,  
D'um meigo coração;  
Só elle tão solícito  
Das maguas te consola  
E para ti esmola  
Pede, estendendo a mão.

Mas desce o Jau ao tumulo,  
(Ficou-te só teu pranto)  
O Jau que chorou tanto  
As tuas afflicções;  
Seu nome pobre, humilimo  
Sempre será lembrado,  
Sempre andarás ligado  
Ao nome de Camões.

Tudo perdeste, e naufrago  
A's vagas disputaste  
O livro, em que buscaste  
A patria engrandecer.  
E a patria despresando-te  
O' genio tão preclaro!  
Deixou-te ao desamparo  
N'um hospital morrer.

Verto sentidas lagrimas  
Ao vêr, ó vulto nobre,  
Que tu morreste pobre  
N'um misero hospital.

Eu choro, envergonhando-me,  
Vendo manchada a historia  
Com esta acção ingloria  
Do nosso Portugal.

Ouviste os sons estridulos  
Da frota que partia,  
Viste na fantasia  
A patria com grilhões.  
Tiveste o dom profetico,  
E com a patria amada  
Por ti tão decantada  
Morreste emfim, Camões!

Morreste! Não! Tres seculos  
Dizem ao mundo inteiro  
Que tu, vate e guerreiro,  
Serás sempre immortal.  
Que sempre nos *Lusiadas*  
Será grande e famoso  
O nome glorioso  
Do velho Portugal.

*José R. Rangel de Quadros Uudinot.*



CAM

1902V











